

Brasília debate cinema. Público continua ausente

Da sucursal de BRASÍLIA

Com as medidas de emergência, um clima frio e chuvoso, a população de Brasília ainda ontem, no início da noite, mantinha-se alheia e afastada dos eventos do XVI Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Poucos representantes da cidade compareceram no início da noite à primeira palestra do festival, "O Cinema como Objeto Cultural". Com a chegada da equipe e a projeção de "Parahyba Mulher Macho", os organizadores esperavam que a cidade se aproximasse mais do festival.

Ontem, ao debate se somava o III Encontro Nacional das Associações Brasileiras de Documentaristas. Um evento paralelo ao festival, que este ano expressa reivindicação dos documentaristas de transformar a Diretoria de Operações Não-Comerciais da Embrafilme — Donac — no centro modelo de cinema. A reivindicação engloba 15% do orçamento da Embrafilme, para que a transformação se possa realizar. Os documentaristas entendem, pelo enfoque operacional, que o filme cultural é o curta-metragem, porque registra, efetivamente, a realidade da cultura brasileira. As 18 Associações Brasileiras de Documentaristas existentes no País encaminharam representantes, que estão reunidos no Pró-Memória e prometem, caso a reivindicação seja aceita, prioridade para as temáticas infantil e sobre a educação sexual.

No debate promovido pela orga-

nização do festival, Clara Alvim, da Pró-Memória, afirmou que a distinção entre o filme comercial e o cultural não existe, na medida em que ambos são registros da realidade, ou de situações da realidade. "Desde o filme comercial até a pornochanchada, todos são registros culturais importantes. Nenhum se sobrepõe ao outro."

Cosme Alves Neto, da Cinemateca do Museu de Arte Moderna, concordou com a representante da Pró-Memória e lembrou que a história do cinema, hoje em dia, "infelizmente", é a história das indústrias cinematográficas que dominam o mercado de filmes, e não a história do cinema como expressão cultural. Lamentou a inexistência de arquivos dedicados ao cinema e à imagem no Brasil, e que as determinações do Ministério da Educação e Cultura para a proteção ao filme cultural nacional só tenham chegado em 1981. "Se as medidas tivessem chegado antes, teríamos maior facilidade em recuperar e resgatar a história de nosso cinema."

"Hoje não temos nem os negativos de Deus e o Diabo na Terra do Sol. E só para ilustrar, sabemos que a Revolta da Chibata foi filmada. Mas onde está esse filme? Esperamos poder encontrá-lo, já que, com o projeto 'Filho Pródigo', conseguimos localizar, por exemplo, na Cinemateca do Exército, que nem sabíamos que existia, o filme que registrou a Coluna Prestes", justificou Cosme Alves Neto.